

UMA APOSTA NO INVISÍVEL: O FAZER FILOSOFIA COM CRIANÇAS

A Escola Pública Aposta no Pensamento, de Walter Kohan e Beatriz Olarieta (Org.). Editora Autêntica, 2012. 256 p.

FERNANDA WALTER OMELCZUK¹

O livro *A Escola Pública Aposta no Pensamento* (2012) organizado por Walter Kohan e Beatriz Olarieta tem como objetivo geral relatar a experiência do projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”, que completou quatro anos em 2012. Mas essa obra representa muito mais que isso. As vivências, os desafios, os fundamentos da proposta descritos por diferentes atores dessa empreitada não são inspiradores somente para professores de Filosofia. O compartilhar do projeto gera reflexões para todo professor na relação com seu saber, com seus alunos, com seu espaço de trabalho, com suas íntimas indagações e sentidos. O projeto é uma aposta no invisível – lugar de onde toda materialidade se origina – o pensamento.

Pelo pensar, tornamos o que nos é mais íntimo e pessoal, universal. É por isso que, apostando no pensar, o projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância (NEFI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) acaba por legitimar cada aluno, cada professor, cada supervisor, cada novo interessado em sua individualidade.

É no exercício de fazer Filosofia – e não ensinar Filosofia – que as práticas se fundamentam. Levar a Filosofia para a escola não é trazer mais um conteúdo, um saber cristalizado e certo a ser transmitido por um professor especializado no

1 Psicóloga, Doutora em Educação e professora substituta da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo de pesquisa CINEAD (Cinema para Aprender e Desaprender), do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual (LECAV) da UFRJ. Nos últimos anos tem se dedicado a pesquisar o encontro da infância com o audiovisual, o cinema infantil e experimentações cinematográficas com a infância, com destaque para territórios sensíveis, como o hospitalar. Desde a graduação, está envolvida com experiências na interface da Psicologia com a Educação, e com estudos sobre aprendizagem, formação de professores, pesquisas e trabalhos com Literatura Infantil; e, desde o doutorado, com o Cinema e a Educação. É integrante do projeto de extensão “Cinema no hospital?” que acontece no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) da UFRJ.

assunto. A Filosofia é uma experiência do pensar, cujo esforço na formulação de uma pergunta nunca antes feita e o modo como se discute é o mais importante.

E que modo é esse? Com quem fazer? Onde?

Walter Kohan, coordenador do projeto, conta que algumas escolas públicas do estado do Rio foram visitadas em 2007 até que a escola municipal Joaquim da Silva Peçanha no município de Duque de Caxias/RJ apresentou interessados na proposta. Todos participaram de três cursos intensivos de formação e foram acompanhados pela equipe do NEFI em seus planejamentos e durante a realização das experiências no primeiro ano do projeto na escola.

Uma proposta composta e não estruturada, como salienta o autor, por seis momentos interligados: Disposição inicial; Vivência (leitura) de um texto; Problematização do texto, levantamento de temas ou questões; escolha de temas; Diálogo; e algo como uma avaliação, nomeada “Para continuar pensando”. Falar em composição, ao invés de estrutura, aproxima a experiência do fazer artístico, colocando os materiais, as técnicas (e teorias) a serviço do artista (nesse caso do professor), cujo resultado ultrapassa esses instrumentos.

O projeto acredita no poder dos “porquês” para ajudar as crianças a oferecer razões sólidas às suas afirmações. Há, também, gestos a serem evitados na experiência de Filosofia, de forma que ajudem na constituição de uma nova relação professor-aluno e na relação com o “saber”. Não é esperado que se dê aula ou se discorde de um aluno rejeitando sua colocação, mas que se construa uma atmosfera de confiança, para que o aluno sinta segurança de que o seu pensamento tem valor, e saiba que será respeitado e ouvido com atenção.

É uma forma de pensar o fazer, ensinar, aprender, educar, conhecer, descobrir, ver, perguntar que provoca toda a escola, o aluno, o professor, as paredes, um quadro-negro, a arrumação da sala, um portão cadeado, um sinal de recreio – o visível e o invisível.

Beatriz Olarieta diz que o tempo comum da escola é um tempo linear e mensurável, definido pelo intervalo, pela hora de chegada, saída, pela mudança de série. Enquanto no tempo ordinário da escola crianças e adultos se adaptam ao tempo planejado por outros, o tempo da Filosofia é habitado de outra forma. Não é apenas um novo tempo físico que se apresenta, é a abertura de um espaço interno que dá vazão para o que inquieta individualmente, que afeta os estudantes, o que pensam e são. O tempo da Filosofia é descrito pelos alunos como um tempo e espaço diferentes, mais próximo ao tempo do recreio onde estão livres, sem interferências, sem estorvo. Olarieta destaca que a necessidade de organizar o tempo da instituição escolar acaba por empobrecer a experiência, e esta se torna previsível

e controlada. Nesse contexto asséptico, as perguntas que temos ficam “esmagadas lá no fundo”, e apenas perguntas com finalidades e objetivos diretos têm vez. É preciso, ressalta a autora, cuidar do tempo onde nascem as ideias. Ideias que não possuem compromisso com um resultado predeterminado, não respondem a interesses práticos. Deve-se cuidar do tempo que não se marca em ponteiros.

Não é somente o tempo que é diferente, com a leitura conhecemos uma sala que não se encaixa muito no que conhecemos sobre salas de aula. No ano de 2010, um financiamento da FAPERJ permitiu a construção de um espaço específico para a atividade filosófica que se diferenciava substancialmente das salas de aula padrão. A “sala do pensamento” – que foi construída com duas portas e janelas bem grandes, com um vidro transparente no teto por onde se pode olhar o céu, e no chão, um degrau em nível mais baixo em formato de retângulo, onde as crianças podem se sentar.

No artigo de Jason Wozniak, são descritos exercícios realizados pelo NEFI com professores para desfamiliarizar suas percepções cheias de mesmice sobre o mundo. Ao longo da vida, nossa percepção cria um filtro utilitário para ver as coisas; por isso, precisamos aprender a ver o que não se vê, a pensar o que nunca se havia pensado, a ver como se estivesse vendo pela primeira vez, pois as percepções habituais encobrem e entorpecem muitos aspectos do mundo.

O autor do artigo apresenta “técnicas” que Tolstoi e Proust usavam para desfamiliarizar o olhar. O primeiro renunciava aos nomes convencionais das coisas, substituindo-as pelos nomes de partes correspondentes de outras coisas. Proust procurava preservar a imediatez impressionista dos objetos, mantendo o frescor do que aparece sem a intrusão de ideias e explicações.

Inspirados nessas reflexões, exercícios simples como dar outro sentido a objetos tais como tesoura, pente ou grampeador foi proposto para as crianças e, dentre outras manifestações fruto dessa atividade, ouviu-se dizerem que podem usar a imaginação para transformar as coisas do mundo e que a maneira como entendem a vida pode mudar se mudarem o modo como olham para ela.

E ninguém melhor que a criança para nos fazer olhar para o óbvio de outra forma. Essa é a essência da entrevista que Walter Kohan concede à Ana Corina Salas nos capítulos finais. A criança, para Kohan, faz com que pensemos tudo de novo, leva-nos a um retorno ao tudo mais infantil possível. Por isso, talvez seja melhor falar em reencontro da Filosofia com a criança do que encontro, já que é com simples perguntas “infantis” – tal como as perguntas que reaprendemos a fazer com a experiência filosófica que a experiência adulta, no sentido benjaminiano de experiência, expande-se para além do ordinário que ficamos presos a ver. Nesse

sentido, o coordenador do NEFI sente-se educado tanto pela Filosofia quanto pela infância. O significado do projeto para Kohan parece alcançar uma grandiosidade tamanha, que beira o invisível.

O visível é descrito no penúltimo capítulo do livro, a seis mãos, por Walter Kohan, Beatriz Olarieta e Jason Wozniak que debruçam os olhos no projeto do NEFI nos últimos anos, em um movimento de ver e rever, aprender e reaprender, atribuindo sentidos e construindo perguntas sobre “Filosofia com crianças”.

Desde 2005, a equipe do NEFI participou de programas anuais de formações. E contou, a partir de 2008, com a participação dos integrantes e professores do projeto no município de Duque de Caxias. Na formação do ano de 2011, convidados externos ao projeto – os quais também desenvolviam práticas vinculadas à Filosofia com crianças em outros lugares – estiveram presentes, compartilhando inquietudes e desafios vividos em propostas parecidas.

Foram cinco convidados: Giuseppe Ferraro, professor da Universidade de Nápoli, que pratica Filosofia em escolas, prisões e outros locais. Juliana Merçon, que coordenou o projeto “Filosofia na Escola” na Universidade de Brasília entre 2002 e 2003. Marcos Antônio Lorieri, um dos principais promotores da proposta de Lipman no Brasil. Rita Pedro, que desenvolveu práticas filosóficas com crianças cabo-verdianas em Portugal e Cabo Verde. E Laura Agratti, coordenadora na Argentina do projeto “Filosofia con Niños en la Escuela Graduada: un proyecto de práctica filosófica en la educación”. Os anfitriões abrem o capítulo descrevendo alguns objetivos de sua proposta; em seguida, os convidados fazem o mesmo e descrevem as suas.

No último capítulo do livro, Danilo Melo recorda que a Filosofia também possui uma infância, e que o “desencaixe” contínuo dos saberes e ideias já concebidas nos leva até essa época. Fazer Filosofia como o NEFI entende, implica encaixar a Filosofia na escola através de sua infância. É um desencaixe, porque constitui desaprender modos de pensar, perceber e sentir que nós, adultos e crianças, já possuímos sedimentados.

Habitar o lugar do “não saber” dentro de uma instituição que tem seu reconhecimento social marcado pela autoridade do saber não é tarefa fácil. Aprender a estar confortável nesse lugar é um dos grandes desafios e valor do projeto. Os alunos não saem das experiências do pensamento com um novo conhecimento formado, adquirido pela reflexão e assegurado pelos professores, mas têm “a possibilidade de entrar em contato com a infância do pensamento que lhes ensina que os saberes são sempre parciais, logo passíveis, de serem questionados (p. 245)”.

Um livro para professores? Para alunos de Educação Básica? Um livro para filósofos? Pesquisadores de novas metodologias educacionais? Um livro essencial para futuros professores em escolas públicas?

A sensação que fica é a de que se trata de um livro para quem tem muitas perguntas e para quem não pergunta nada há muito tempo.

Submissão em: 21/05/2015.

Aprovação em: 01/11/2015.